

Um conto da autora de  
O LADO MAIS  
SOMBRIO

# A MARIPOSA NO ESPELHO

A. G. HOWARD



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Notas](#)

A. G. HOWARD

# A Mariposa no Espelho



UM CONTO DA AUTORA DE *O LADO MAIS SOMBRIO*

Tradução

Denise Tavares Gonçalves



Título original: *The moth in the mirror*

Copyright © 2013 A.G. Howard

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Howard, A. G.

A mariposa no espelho / A. G. Howard ; tradução Denise Tavares Gonçalves. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The moth in the mirror

ISBN 978-85-8163-609-2

1. Ficção norte-americana I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)



*I*

As maquinações da Mariposa

— Tem certeza, Morfeu?

— Tenho — respondeu Morfeu, tirando as luvas e enfiando-as em seu casaco. — Você, entretanto, parece que precisa ser convencida.

A magia pulsava nervosamente nas pontas de seus dedos, uma luz azul pulsante logo abaixo da pele. Por causa da ponte de ferro que havia lá fora, seus poderes estavam limitados a alguns truques inofensivos, mas suficientes para dar o seu recado, se necessário.

O besouro-tapete — que de tão grande chegava à altura dos ombros de Morfeu, depois de este haver tomado uma poção encolhedora — engoliu em seco por trás de suas muitas mandíbulas estalidentes. Sua pele carpetada tremia.

— Não, não. Por favor, o senhor interpretou mal as minhas ressalvas. — Os braços ramosos do inseto vibravam enquanto ele folheava as marcações em ordem alfabética de sua prancheta, as quais continham todas as lembranças perdidas no País das Maravilhas. — É que ficar espiando os

momentos esquecidos de um ser humano parece uma maneira tediosa de se passar uma tarde, só isso...

Morfeu mudou de posição, e suas asas lançaram uma sombra sobre a cara do besouro.

— Ah, mas este humano, em especial, tem muito a me ensinar.

Esse humano, em especial, havia conseguido capturar algo que Morfeu desejava mais que tudo neste mundo.

— Sente-se — disse o inseto, apontando para uma cadeira branca de vinil —, e eu prepararei

as memórias para o senhor.

Morfeu jogou as asas para o lado, sentou-se e deu uma tragada no narguilé fornecido por seu anfitrião como cortesia. O tabaco doce e fresco passou ardendo pela sua garganta. Ele soprou baforadas de fumaça no ar, formando com elas o rosto de Alyssa. Era fácil imaginar o modo como seus olhos sempre se cobriam de um azul gélido quando ela o via e se enchiam de excitação e temor ao mesmo tempo. Adorava isso nela: a sagacidade de seus instintos intraterrenos alertando-a a não confiar nele suavizada pelas emoções humanas forjadas durante a infância que passaram juntos.

Antes dela, Morfeu levava a vida em solidão, sem nunca precisar de ninguém. Ele não fazia a menor ideia do feitiço que ela lhe lançara. Ela era mais que uma decepção, sempre jurando devoção ao lado errado. Mas seu encanto era inegável. Principalmente quando ela o desafiava ou o encarava com sua indignação de justiceira, o que a deixava com os lábios deliciosamente posicionados quando rangia os dentes.

Morfeu colocou o narguilé de lado, embora a sensação de queimação em seu peito não tivesse nenhuma relação com o fumo. Alyssa era a única que poderia aplacar o incêndio que havia ali, pois fora ela quem atizou aquelas chamas.

Os dois tinham passado cinco anos juntos — como amigos de infância — até que a mãe dela a arrancou dele, Alyssa sangrando e ferida, e ele ficara se remoendo de remorso e com culpa por causa de um juramento imprudente que havia feito, no qual prometeu se manter longe dela.

Manter-se afastado da amiga fez com que ele sentisse o gosto da solidão pela primeira vez.

Mesmo todos os anos de claustrofobia que ele passara aprisionado em um casulo antes de encontrá-

la... nem mesmo eles o prepararam para o sofrimento da ausência dela.

Então, por fim, ela havia voltado para ele, fazendo-o reviver todos os antigos sentimentos que ele pensava ter dominado. Daquela vez, também, tudo foi muito rápido. Ela partira novamente, por escolha própria. Restaram a dor e a solidão excruciantes. Debilitantes.

Havia apenas seis meses que ela partira do País das Maravilhas, e ele não compreendia este vazio corrosivo que só poderia ser preenchido pelo toque dela, por seu perfume, sua voz. As solitárias criaturas mágicas não ligavam para essas bobagens; não precisavam de companhia, abominavam a bagagem emocional. Sua afeição e lealdade pertenciam ao agreste País das Maravilhas e a nada nem ninguém mais.

Então o que ela havia feito para mudar isso?

Ultimamente, cada vez que ele via seu próprio reflexo, não mais reconhecia a Mariposa no espelho. Estava incompleto, enfraquecido; e menosprezava isso.

Menosprezava ainda mais porque ele havia se esforçado tanto para cortejá-la, enquanto ela oferecia seu afeto para um reles mortal.

Morfeu suprimiu um rosnado. Ele não conseguia compreender a sorte de Jebediah, como um humano podia ter tanto poder sobre uma rainha intraterrena. Como um simples rapaz era capaz de controlar um coração real e mestiço tão multifacetado, um espírito propenso ao pandemônio e à loucura. Jebediah puxava Alyssa para baixo, acorrentando-a ao tédio e à banalidade do reino humano.

Ela precisa ser libertada.

Morfeu havia considerado a possibilidade de matar seu rival, mas Alyssa jamais o perdoaria.

Não. Chegara o momento de tomar medidas criativas.

Se Morfeu soubesse o que Jebediah havia pensado durante sua jornada pelo País das Maravilhas

— todos os momentos em que ele se sentiu mais aterrorizado, mais desanimado —, conheceria as fraquezas e as forças do mortal *intimamente*. Ele saberia como enfraquecer Jebediah, contrapondo-o contra si mesmo.

Essas fraquezas o derrotariam melhor do que Morfeu o faria. E depois, quando tivesse destruído a confiança de Alyssa em seu cavaleiro mortal, Morfeu estaria lá para confortá-la e conquistá-la.

Voltaria a ouvir a risada de Alyssa do modo como ela ria quando os dois eram crianças, e teria de novo a oportunidade de ser presenteado com o seu sorriso deslumbrante.

Ele voltaria a ser completo.

— Por aqui, por favor — pediu o besouro para que Morfeu o seguisse.

Morfeu tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo. Quando o inseto abriu a porta para um compartimento de memórias sem janelas, o cheiro de amêndoas vindo de uma travessa de biscoitos de luar fresquinhos que estava em uma mesa de canto se espargiu no ar. Havia uma *chaise-longue* na cor creme colocada contra a parede, e uma luminária de piso em latão decorado que iluminava o espaço com uma luz discreta.

Morfeu concentrou-se no pequeno palco do outro lado do compartimento. Sentiu o coração palpitar de ansiedade num ritmo profundo e firme. As cortinas de veludo vermelho aguardavam o momento de se abrirem para mostrar as memórias de Jebediah na tela prateada.



— Como o senhor entrará na cabeça do rapaz para visitar suas lembranças perdidas, sou obrigado pelas normas a avisar-lhe que... as emoções humanas podem ser muito poderosas... podem nos fazer ver as coisas sob uma perspectiva totalmente diferente — advertiu o besouro.

— Estou contando com isso. — Morfeu deu um sorriso afetado. — Conhece aquele ditado sobre amigos e inimigos?

O besouro coçou a pele enrugada.

— Hum... mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda?

Morfeu acomodou-se na cadeira estofada e alisou sua calça risca de giz ao cruzar as pernas, apoiando um tornozelo sobre o outro.

— Melhor ainda é se colocar no lugar de seu inimigo. É a melhor maneira de controlar seus passos. Ou de apagá-los, caso tenha a oportunidade.

O besouro, voltando a tremer, esticou o braço fininho e apertou um botão na parede. As cortinas do palco se abriram, revelando uma tela de cinema.

— Imagine o rosto do rapaz enquanto olha para a tela em branco e vivenciará o passado dele como se fosse hoje.

As palavras do besouro eram ensaiadas, até mesmo mecânicas, mas a pulsação de Morfeu ficou acelerada. Ele esperou o besouro desligar a luz. Assim que o inseto saiu e fechou a porta, o corpo de Morfeu desmembrou-se nas juntas, flutuando pela escuridão como se fosse feito de partículas de pó.

Todos os seus pedaços se uniram novamente na tela prateada, em cores vivas e cinematográficas, até que ele entrou na cabeça de Jebediah, apropriando-se do seu corpo, sentindo suas emoções.

Naquele momento, Morfeu entregou-se à experiência e, pela primeira vez na vida, passou a ver as coisas como um humano.



Primeira lembrança: kriptonita

Jeb acordou em uma cama suspensa.

Estava nu. Por que estava nu?

Antes que esse fato pudesse ser totalmente registrado, trinta fadas ou mais, do tamanho de mariposas, surgiram do ar, acariciando cada parte do seu corpo e sussurrando-lhe. Ele tentou mexer os braços e pernas. As asas das fadas — que batiam na velocidade das asas de um beija-flor —

liberavam partículas parecidas com as pétalas delicadas de um dente-de-leão, que, de alguma maneira, o imobilizaram. As sementes exalavam um perfume de canela e baunilha que foi inundando sua consciência até que a sala ficou totalmente fora de foco.

Quando a névoa se dissipou, ele estava em sua cama, em casa. A noite adentrava pela janela e Taelor estava em cima dele, seminua. A unhas pintadas à moda francesinha percorreram os pelos de seu peito e abdômen, dirigindo-se ao cócs de sua calça jeans.

Aquilo não podia ser verdade. Taelor e ele tinham brigado antes do baile de formatura, tinham terminado tudo.

Com delicadeza, ele a virou, colocando-a debaixo dele, e apoiou-se nos cotovelos, afastando o cabelo do rosto dela. Mas não foram os olhos de Taelor que encontraram os dele. Foram os olhos gélidos e azuis de Alyssa — encarando-o com um ar de admiração e inocência. Os dedos dele pareciam grandes e desajeitados nas têmporas dela.

A *Al* na cama dele?

Não. Isso não podia acontecer. Alyssa nem havia beijado homem algum. E Jeb nunca tinha sido o primeiro de nenhuma garota.

A *Al* era intocável para ele. Ela já passara por muitos episódios turbulentos em sua vida. E ele não era exatamente um exemplo de estabilidade.

Ele tirou as mãos dela e ficou de joelhos.

— Jeb, você não me quer? — perguntou *Al*, passando a mão no peito dele.

Ele não conseguiu responder. Seus dedos coçavam e pareciam esticar-se, como se estivessem crescendo. Ele ergueu as mãos sob a luz da lua, observando, horrorizado, seus dedos caírem, um por um, e se metamorfosearem em lagartas. As lagartas, então, avançaram lentamente na direção de Alyssa, e ele não conseguia fazer nada para detê-las. Jeb caiu de costas na cama, com as mãos sobre o rosto, olhando fixa e incredulamente para os tocos crus e cheios de

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

